

AUTONOMIA E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA: DO CONCEITO À REALIDADE

Curitiba – PR – 05/2015

Luís Fernando Lopes – UNINTER – luis.l@uninter.com

Valentina Daldegan – UNINTER – valentina.d@uninter.com

Marcos Aurélio Silva Soares – UNINTER – marcos.so@uninter.com

Patrícia Carla Ferreira – UNINTER – patricia.fer@uninter.com

Anderon Andellon Makioszek – UNINTER – anderon.a@uninter.com

Classe IC

Setor Educacional Educação Superior

Classificação das Áreas de Pesquisa em EaD Teorias e Modelos

Natureza Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o princípio da autonomia na educação superior a distância. A questão norteadora da pesquisa é se a Educação a Distância da maneira como hoje está organizada no contexto brasileiro proporciona o desenvolvimento da autonomia do estudante como frequentemente se encontra na literatura sobre o tema. Após análise de alguns conceitos de autonomia relacionados com a Educação a Distância foi realizada uma pesquisa de campo com 146 alunos de um curso de Especialização ofertado na modalidade a distância, com intuito de se obter um perfil do estudante que procura um curso na modalidade EaD e analisar seu entendimento sobre autonomia. Percebeu-se que entre os alunos consultados, a grande maioria considera-se autônoma ou parcialmente autônoma. Também notou-se que a categoria autonomia é um conceito marcado por uma multiplicidade de significados.

Palavras chave: autonomia; aprendizagem; educação a distância

1 - Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a temática da autonomia na educação superior a distância. Quando se fala em EaD, sobretudo em nível superior, uma das características mais ressaltadas é a autonomia de todos os sujeitos envolvidos. Assim, a autonomia não é considerada apenas uma meta a ser alcançada, mas também um pressuposto para que o processo de ensino/aprendizagem possa ser realizado com sucesso.

A problemática focalizada é se a Educação a Distância da maneira como hoje está organizada e é realizada no contexto brasileiro proporciona o desenvolvimento da autonomia do estudante como frequentemente encontramos na literatura (livros, artigos) que tratam sobre o tema na atualidade. Nesse sentido, procura-se analisar alguns conceitos de autonomia e mais especificamente aqueles relacionados com a Educação a Distância.

Com base na análise de alguns conceitos de autonomia no que diz respeito à autonomia do discente na EaD realizamos também uma pesquisa de campo com alunos de um curso de especialização na modalidade a distância. O instrumento utilizado foi um questionário fechado cujas perguntas procuram oferecer dados para percebermos a compreensão de autonomia dos estudantes investigados e em seguida cotejá-la com os conceitos anteriormente analisados.

Como será possível notar a categoria autonomia nem sempre recebe tratamento adequado no plano teórico, quando relacionada com a Educação a Distância.

2- Autonomia: do conceito à realidade

Se considerarmos a etimologia da palavra, autonomia é um termo de origem grega, composta de *auto* (auto = “próprio”) e *vóμος* (nomos = “lei”) e designa a capacidade de fazer as próprias escolhas, tomar as próprias decisões sem influências ou condicionamentos externos.

Para Paulo Freire (2006) o processo de ensino aprendizagem pressupõe respeito à autonomia do estudante. Tal pressuposto apoia-se numa

concepção dialógica de educação que ultrapassa a esfera do tradicional, da simples transmissão de conhecimentos e objetiva a emancipação do aluno para busque o conhecimento e pense por si mesmo. Todavia, não podemos deixar de enfatizar que o professor tem um papel fundamental nesse processo de promoção da autonomia do estudante pela via dialógica.

Fica latente o aspecto relacional e dialógico do processo educativo e de promoção a autonomia, ou seja, a autonomia não é apenas uma conquista individual, mas pressupõe o diálogo a relação, o contato com o diferente, a exposição e o acolhimento.

Mas o que dizer da autonomia quando relacionada à Educação a Distância e ainda mais especificamente dos processos de ensino e aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem?

Se considerarmos o processo histórico da Educação a Distância, marcado pelo instrucionismo de tradição behaviorista, talvez se possa pensar que o objetivo de promover desenvolvimento da autonomia está longe de ser alcançado. Por outro lado, no próprio fato de realizar um curso na modalidade a distância, já está implícito a necessidade de colocar para si os próprios objetivos e procurar alcança-los, o que parecer configurar um processo de desenvolvimento da autonomia.

Como se pode notar, a questão é complexa e exige um olhar atento não apenas para o aluno, mas para todo o processo de ensino aprendizagem, sujeitos, recursos, e suas singularidades na esfera da Educação a Distância.

Siemens (2011, apud Matar, 2013) critica o conceito de autonomia, que é a base para teorias consideradas revolucionárias por alguns, como a Khan Academy. Para Siemens, o aprendizado no qual os estudantes aprendem em seu próprio ritmo e interesse, é insuficiente para descrever nossas necessidades atuais de conhecimento.

Assim, não se trata de criar significados no isolamento, mas trabalhar em rede. Isso porque, uma concepção errada de autonomia pode levar a pensar que aprendizado autônomo é aprendizado isolado, o que em si é um contrassenso, pois, aprendizagem pressupõe contato, relação com algo já produzido, bem como a criação de algo novo.

Desta maneira, é preciso não confundir autonomia com aprendizado solitário. O aprendizado pressupõe dedicação, esforço, iniciativa, mas, tais

atitudes, todas relacionadas com autonomia, não terão sentido, se considerarmos um indivíduo isolado. Daqui é possível inferir que ao se pensar a autonomia na Educação e particularmente na Educação Superior a Distância, não podemos nos olvidar do aspecto relacional.

Os recursos tecnológicos utilizados são suporte que colaboram na potencialização da dimensão relacional do processo de ensino/aprendizagem. Para Siemens o modelo conectivista dos *MOOCs* enfatiza a criação, criatividade, autonomia e aprendizagem social em rede, ao passo que o modelo do *Coursera* enfatiza uma abordagem de aprendizagem mais tradicional por meio de apresentações de vídeo e pequenos exercícios e testes. (MATAR, 2013).

Para obter alguns dados que colaborassem no apoio às reflexões sobre autonomia do estudante na educação Superior a Distância realizou-se uma pesquisa de campo com um grupo de 146 alunos de um curso de Especialização a Distância de uma Instituição de ensino Superior particular. O processo de desenvolvimento da pesquisa, bem como a análise dos resultados são expressos a seguir.

3- Pesquisas de Campo

Com relação aos procedimentos metodológicos para concretização da pesquisa de campo, que foi uma das etapas deste trabalho, utilizou-se em um questionário construído a partir da versão gratuita de uma ferramenta de pesquisa denominada *kwiksurveys.com*, disponível em: <http://kwiksurveys.com/>. As questões foram elaboradas pelo grupo, a partir das leituras e estudos prévios sobre o tema. Todos os alunos consultados receberam uma carta de consentimento para participação na pesquisa que foi enviada por e-mail, sendo garantido o sigilo das informações prestadas.

Assim, os estudantes de um curso de pós-graduação *lato-sensu* a distância, de uma instituição de ensino superior particular, foram convidados a responder um questionário com 14 (quatorze) questões objetivas. O *e-mail* com o *link* para participar da pesquisa foi enviado para 600 (seiscentos) estudantes, dos quais 146 (cento e quarenta e seis) responderam às questões propostas.

O grupo de estudantes consultado foi composto por 10% de alunos iniciantes, 70% de alunos com mais da metade do curso concluído e 20% de alunos que estavam cursando o último módulo do curso.

Para a elaboração das perguntas que compuseram o questionário consideramos principalmente a necessidade de compreender o que os estudantes de pós-graduação *lato-sensu* que estudam na modalidade a distância entendem por autonomia e como se dá o desenvolvimento da mesma no decorrer da realização de um curso de especialização nessa modalidade.

Buscou-se também a compreensão do perfil dos alunos desta modalidade de ensino o que permite a transposição dos dados para outras realidades similares. A partir disso, novas pesquisas poderão ser realizadas tomando como base os dados apresentados sobre autonomia do discente na Educação Superior a distância.

4- Resultados e discussões

Neste tópico são apresentados os resultados e a análise das respostas obtidas na pesquisa de campo com alunos de um curso de Especialização de uma Instituição de Ensino Superior particular.

Inicialmente para conhecer o perfil dos estudantes consultados interrogou-se os alunos acerca da Instituição em que realizaram o curso de graduação. Os resultados estão expressos no gráfico a seguir:

A amostragem recolhida indica que a maior parte dos alunos (49,3%) cursou a graduação em uma instituição particular e realizou um curso presencial. Apenas 22,6% cursaram a graduação na modalidade EaD. Com base nesses dados é possível dizer que o fato de ter estudado na modalidade presencial não implica necessariamente na rejeição da modalidade a distância.

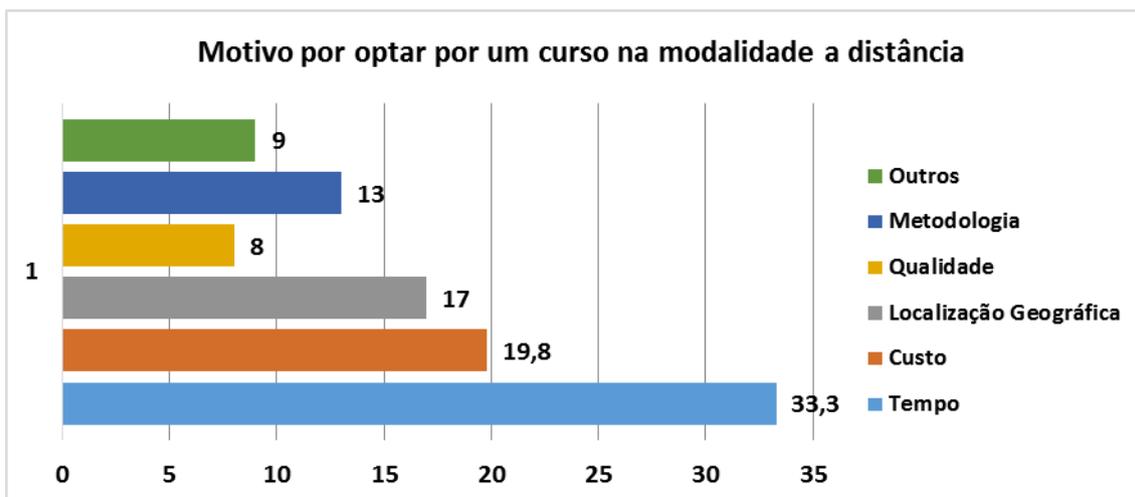


Gráfico 1. Motivo por optar por um curso na modalidade a distância

Com relação aos motivos que levaram o aluno a optar por um curso a distância, segundo o levantamento a maior parte (33,3%) fez esta opção motivada pelo tempo. O custo (marcado por 19,8% dos entrevistados) e a localização geográfica (17%) também foram fatores importantes a ser considerados. Já fatores como a qualidade (8%) ou a metodologia (13%) parecem não ser tão relevantes na hora da escolha por um curso EaD.

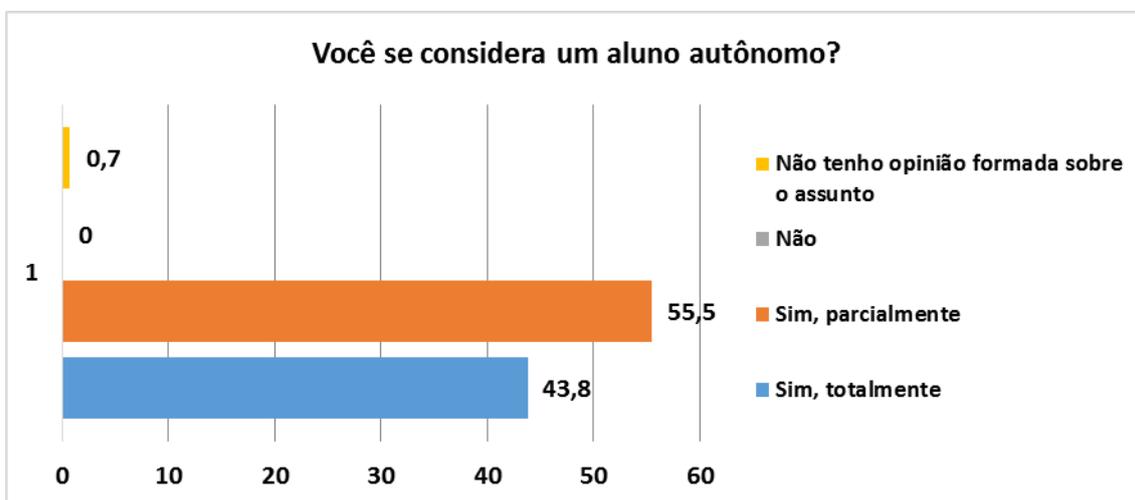


Gráfico 2. Autonomia do Estudante na EaD

55,5% consideram-se alunos parcialmente autônomos, enquanto 43,8% consideram-se totalmente autônomos; portanto, de acordo com os resultados da amostra, a quase totalidade considera-se um aluno com autonomia.

A maioria dos alunos considera que seus conhecimentos prévios sobre as TICs foram totalmente satisfatórios para a realização de um curso EaD, e somando-se aos 35,6% que afirmam que seus conhecimentos prévios nesta área foram parcialmente satisfatórios, o resultado indica que as TICs não são um fator complicador para que o aluno realize um curso a distância. 4,8% realizaram capacitação em Tecnologias de Informação e Comunicação durante o curso, e apenas 2,1% acreditam que deveriam realizar uma capacitação neste sentido.

Quanto à organização do curso, 58,9% dos alunos consultados (a maioria) consideram que a maneira como o curso em questão está organizado promove a autonomia do estudante. Outros 38,4% acreditam que essa organização colabora parcialmente para promover a autonomia do aluno.

Ao perguntarmos se o aluno apresenta dificuldades na utilização do Ambiente Virtual de Aprendizagem pode-se perceber que 66,4% dos alunos, a maioria, não encontram dificuldades para utilizar esta ferramenta e conseguem acessar todas as possibilidades presentes no AVA. Temos ainda 21,9% de alunos que encontram dificuldades, mas procuram superá-las sem ajuda, mais uma vez demonstrando a tendência dos alunos da EaD para solucionar sozinhos seus problemas.

Ao perguntarmos aos alunos sobre a frequência de acesso a esta ferramenta pudemos perceber que 89,7% dos alunos acessam as rotas de aprendizagem pelo menos uma vez por semana. Ao fazê-lo, mesmo que uma vez somente, os alunos ficam atualizados, tanto em relação aos elementos lá disponibilizados, quanto a possíveis recados da coordenação em relação ao desenvolvimento do seu curso. Além disso, temos também um total de 42,4% dos alunos que acessa as rotas de aprendizagem de três a quatro vezes por semana, o que denota um interesse grande dos alunos em estar atualizados, em contato com os conhecimentos trabalhados em aula e com a possibilidade de interação com outros estudantes.

Tais resultados contribuem para que possamos entender que a grande maioria dos alunos matriculados na modalidade a distância compreende que o acesso e a sua participação ativa nas rotas de aprendizagens é fundamental para o seu processo de formação, denotando sua autonomia pedagógica.

No que diz respeito a ter uma rotina semanal de estudos chama atenção o fato de a maioria dos alunos consultados (35,6%) admitir que tenta manter uma rotina, mas não consegue cumpri-la. Grande também é o número dos alunos consultados que afirma ter horários fixos de estudo (34,9%). Já 28,8% dos estudantes diz não ter horários fixos, mas procura estudar sempre que sobra algum tempo.

No curso que foi objeto de pesquisa não há um cronograma fixado para guiar o estudo pessoal de cada aluno. Os alunos são convidados a manter uma rotina de estudos e alertados para a importância dessa organização, mas a decisão por fazê-lo depende de cada um. Com base nesses dados é possível afirmar que há consciência e responsabilidade por parte dos alunos quanto à necessidade de manter uma rotina de estudos semanal.

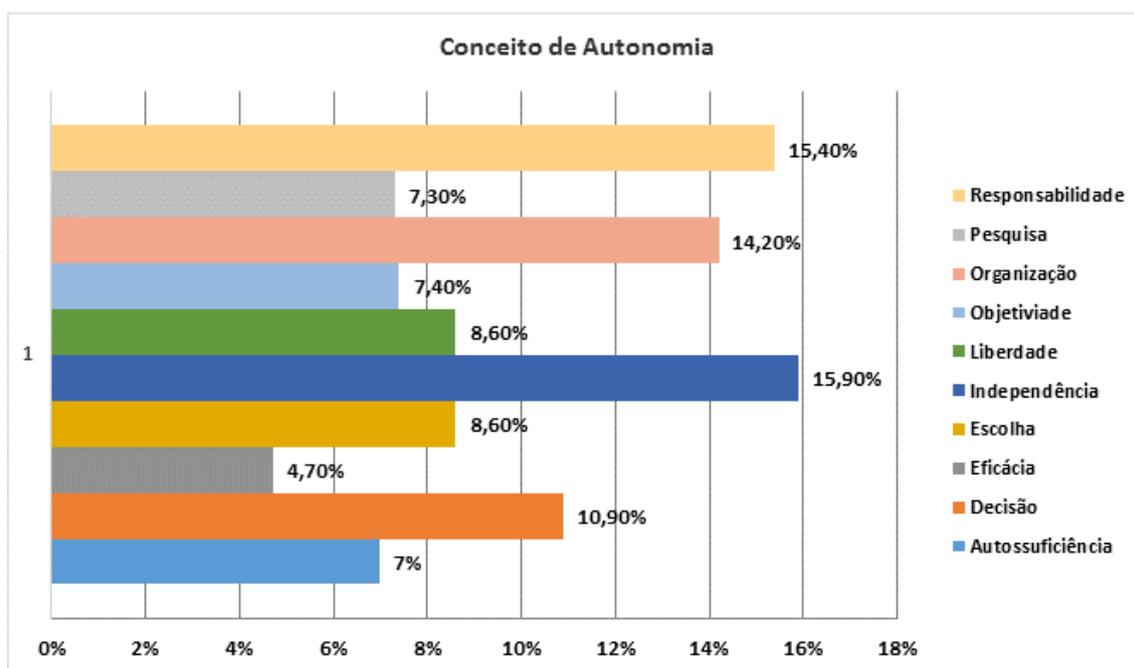


Gráfico 3. Conceito de autonomia

Com relação à compreensão dos alunos sobre o conceito de autonomia, 15,9% marcaram a palavra “independência” como uma das mais intimamente ligadas. Porém, também a palavra responsabilidade foi escolhida por 18,4% dos estudantes pesquisados.

É importante salientar que como os alunos consultados podiam escolher mais de uma opção, praticamente todas as palavras disponíveis foram consideradas como relacionadas ao termo autonomia. Não obstante a possível

ligação que se pode estabelecer entre todos os termos disponibilizados e o conceito de autonomia, podemos constatar que não existe um consenso entre os estudantes quanto ao que seja autonomia, bem como quanto à maneira como ela se desenvolve no processo educativo.

Assim, podemos reafirmar a necessidade e a importância de desenvolver e apoiar pesquisas que tenham como foco o estudo da autonomia como categoria fundamental para compreensão da Educação a Distância no contexto atual.

6- Considerações Finais

A partir de estudo teórico básico no que diz respeito à autonomia do discente na EaD realizamos uma pesquisa de campo com alunos de um curso de especialização a distância. Como se pode notar, a discussão nesse campo é bastante complexa e a categoria autonomia nem sempre recebe tratamento adequado no plano teórico, quando relacionada com a Educação a Distância.

Já com relação aos resultados da pesquisa de campo, constatamos que entre os alunos consultados, a grande maioria dos estudantes matriculados na modalidade de EaD, 89,7%, compreendem que o acesso e a sua participação ativa nas trilhas de aprendizagens colaboram significativamente para o seu processo de formação profissional e ampliam a sua autonomia. A partir desses dados é possível afirmar que há consciência e responsabilidade por parte dos alunos quanto à necessidade de manter uma rotina de estudos semanal.

Os dados mostraram também a importância de disponibilizar materiais diversificados para os estudantes e que existe um interesse autônomo manifestado por eles em buscar novas fontes de informações e conteúdos para seu estudo e aprendizado. Entre os estudantes consultados, 55,5% consideram-se alunos parcialmente autônomos, enquanto 43,8% consideram-se totalmente autônomos. A partir desses dados foi possível inferir que a quase totalidade dos alunos consultados considera-se um aluno com autonomia.

Reiteramos a necessidade e a importância de desenvolver e apoiar pesquisas que tenham como foco o estudo da autonomia como categoria fundamental para compreensão da Educação a Distância no contexto atual.

Além de considerar o que os próprios alunos pensam sobre sua autonomia é importante também, entre outros aspectos, dimensionar de que modo seria possível promover o desenvolvimento dessa autonomia nos estudantes.

Referências

AZEVEDO, Heloisa Helena Duval de. “O jogo de linguagem de Wittgenstein como exercício para olhar a interatividade na modalidade de EaD”, *in: Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional*. Vol.06 nº13. Disponível em:

<http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq13/5%20_o_jogo_cp_13.pdf> Acesso em: 13/mar./2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

KANT, Imanuel. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

LOPES, Luís Fernando et al. **Autonomia do Estudante na Educação Superior a distância**. Curitiba: UNINTER, 2012. Projeto de Pesquisa. Disponível em: <http://www.uninter.com/web/pesquisa/wp-content/uploads/2013/05/Autonomia-do-estudante-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Superior-a-Dist%C3%A2ncia.pdf> Acesso em: 29/04/2015.

MALANCHEN, Júlia. “Uma análise crítica sobre as políticas para formação de professores no Brasil”. In: **Cadernos de pesquisa Pensamento Educacional**. Vol. 06 nº 13. Disponível em: <http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq13/6%20_uma_analise_cp13.pdf> Acesso em: 13/mar./2014.

MATAR, J. Aprendizagem em ambientes virtuais: Teorias, conectivismo e MOOCs. **Teccogs** n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/educacao_7/2-aprendizagem_em_ambientes_virtuais-joao_mattar.pdf Acesso em: 29/04/2015.

MORAN, José. Manuel. “Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias”. In: **Informática na Educação: teoria & prática**, v. 3, n. 1. Porto Alegre : UFRGS, 2000.

SANTOS, Fausto dos. “Presença distante, distância presente: uma reflexão sobre a EaD”. *in: Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional*. Vol.06 nº13. Disponível em: <http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq13/5%20_o_jogo_cp_13.pdf>. Acesso em: 13/mar./2014.